



**BENEDITA GOUVEIA, CONCEIÇÃO EVARISTO E LUIZ GAMA:
CONFLUÊNCIAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA NEGRANA
LITERATURA AFRO- BRASILEIRA**

Valdete Lima Ferreira¹

INTRODUÇÃO

Quando buscamos conceituar uma literatura genuinamente afro-brasileira, encontramos diferentes discursos. No entanto, há uma intersecção que atravessa muitas dessas ideias: o corpus literário é a negritude enquanto categoria analítica. Portanto, esse corpus não deve estar desconectado de seu lugar de fala, de suas subjetividades e afetos, tanto nos amores quanto nos dissabores. Ademais, Guerreiro Ramos já dizia, por volta de 1955, que o negro, enquanto vida, poderia não ter uma versão definida; contudo, essa característica não o torna vulnerável, pelo contrário, faz dele um ser estratégico, orgânico e proteico.

Visto que o Brasil é um país de miscigenação ímpar, para Benedita Gouveia Damasceno (2003), considerar uma literatura apenas a partir dos traços fenótipos é desconsiderar a imensa capacidade de reconstrução de uma identidade literária negra. Apesar disso, a crítica literária é perita ao afirmar que o que caracteriza a literatura como afro-brasileira é “uma fusão efetiva com a alma do negro, que a realidade quotidiana mostrava em nível inferiorizado” (2003, p. 38). Nesse sentido, segundo a autora, podemos identificar “sensíveis diferenças entre a poesia negra escrita por afro-brasileiros e a escrita por brancos” (Damasceno, 1988, p. 125).

Conceição Evaristo (2009) também reconhece as dificuldades quando tentamos teorizar uma literatura afro-brasileira. Contudo, ela defende uma

¹ Especialista, professora da educação básica, Feira de Santana, BA. limaferreirajc@hotmail.com.



literatura afro-brasileira de autoria, um sujeito, homem ou mulher com “subjetividade” própria que, ao escrever, não se desvencilha de um corpo-sujeito-negro. Para Evaristo, é preciso reivindicar um lugar no campo literário como também nosso, de afirmação de pertencimento e de identificações étnicas nas escritas.

A autora ainda frustra as expectativas daqueles que pensam em uma previsibilidade canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder. Em vez disso, ela reconhece o potencial de uma literatura afro-brasileira a partir de um discurso literário exclusivo, dotado de um sentimento positivo de etnicidade que atravessa a textualidade afro-brasileira em seus personagens e histórias.

Evaristo (2009) provoca algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário, colocando o foco principal na existência de uma literatura afro-brasileira com forte presença de uma vertente negra feminina. Pensando essas existências, o presente trabalho pretende fazer uma breve confluência entre duas reflexões.

A primeira é a de Conceição Evaristo, em seu ensaio *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, onde a autora denuncia a falta de representação feminina negra na literatura brasileira e aponta para produções que vêm se afirmando, transgredindo não só o imaginário literário brasileiro, mas também contestando a própria história do país. A segunda é, paralelamente, a dos estudos de Benedita Gouveia Damasceno sobre o pioneirismo de Luiz Gama, que foi “Zumbiloso” (termo que usamos para descrever que Gama foi cheio de coragem, ousadia e resistência, um neologismo encorajado por Conceição Evaristo, que diz que nossa escrita deve refletir nossas vivências). Ele trouxe para a literatura a mulher negra enquanto musa, “valorizando sua estética, quebrando os padrões poéticos e tradicionais e exaltação de sua africanidade” (Damasceno, 2003, p. 44).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

De acordo com Evaristo, a representação da mulher na literatura tem



sido uma tentativa de apagamento do povo africano e diaspórico na constituição do país. Segundo ela:

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo - objeto de prazer do macho senhor (Evaristo, 2009, p. 23).

Assim, notamos claramente o lugar de subalternidade e inferioridade, além da objetificação, reservados à mulher negra. Portanto, a inviabilização começa na literatura e termina nas ações diárias dos sujeitos, principalmente aqueles descendentes dessa mesma mulher. A negação, então, é o primeiro ato, pois prefere-se destacar e elevar o lado branco da mestiçagem ou, em outros casos, cultiva-se o auto-ódio por descender dessa mulher.

Ainda no âmbito dos estereótipos, a autora traz outra associação fortemente imputada à mulher preta: a da mulher lasciva, exótica e fácil, quando não totalmente alheia a todas as adjetivações negativas que lhe são impostas. Ela ilustra essas representações a partir de dois autores brasileiros, evidenciando a aparente ingenuidade do que estavam produzindo. Desse modo, ela descreve:

Mulheres infecundas e, portanto, perigosas, como Bertoleza, sempre animalizada no interior da narrativa e que morre focinhando, ou como Rita Baiana, marcada por uma sexualidade perigosa, que macula a família portuguesa, ambas personagens da obra **O cortiço** (1980), de Aloísio de Azevedo. Há ainda a mulher-natureza, incapaz de entender determinadas normas sociais, cujo exemplo é a personagem central do romance **Gabriela, cravo e canela** (1958), de Jorge Amado, com a sua postura de uma ingênua conduta sexual (Evaristo, 2009, p. 24, grifo da autora).

Como virada de chave na retratação da mulher negra no campo literário brasileiro, Evaristo destaca as revoluções coletivas de vozes negras insurgentes. Dentre elas, está o Movimento Negro Brasileiro (MNB), que, através da produção de novos discursos afirmativos, reordena enunciados, nomeia e articula aspirações, exigindo, assim, novos significados e, conseqüentemente, novas ações. Evaristo ilustra esse momento a partir das obras *A cor da ternura* (1989), de Geni Guimarães, e *Caroço de dendê* (1996), de autoria de Beatriz Moreira da



Costa. De acordo com Evaristo, trata-se da afirmação de “[...] um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (Evaristo, 2009, p. 27).

A autora faz um adendo ao voltar ao final da década de 60 para destacar a personificação da ousadia e resistência de Carolina Maria de Jesus. Para Evaristo (2009), Carolina reivindica para si e para todas as mulheres pretas o “direito de ser reconhecida como escritora” e acrescenta que essa atitude “é um atrevimento contra a instituição literária”. Dessa forma, ela deixou um legado de força e coragem. Por meio de seu desejo, crença e luta, Carolina inspira outras meninas e mulheres negras a exigir o direito de existir, criar e produzir novas narrativas decoloniais, com grande potencial científico, literário e teórico.

INTELIGÊNCIA A SERVIÇO DA CAUSA

Quando o assunto é luta, resistência e quebra de padrões, poderíamos dizer que Luiz Gama era o livro de cabeceira de Carolina Maria de Jesus. Contudo, nenhum documento histórico dá conta dessa afirmação. Portanto, reconhecemos essa afirmação como ingênua, visto que a ideia apenas acaricia muitos egos negros ávidos por histórias negras de resistência que inspiram.

Além disso, poderíamos dizer que a ideia surge quando Benedita Gouveia Damasceno afirma que Luiz Gama tem grande significado para a literatura brasileira, pois começou a constituir-se enquanto Literatura Afro-Brasileira por sua quebra de padrões poéticos tradicionais e exaltação de sua africanidade (Damasceno, 2003, p. 44). Corrobora essa perspectiva o fato de Gama ser o primeiro autor a valorizar a estética da mulher negra em suas produções sobre o tema, em um período onde a musa inspiradora era branca, pálida e com estilo europeu.

Damasceno afirma que Luiz Gama baseava seu lirismo na exaltação da



beleza negra, com seus cabelos crespos, suas “trunfas”, enquanto os poetas românticos e seus contemporâneos cantavam as puras, lânguidas e louras donzelas. Ela ressalta ainda que nenhuma outra poesia anterior registra o apelo às musas africanas (Damasceno, 2003, p. 45-48).

A autora ilustra a exaltação dos símbolos identitários africanos por Luiz Gama utilizando o poema “A cativa”, em que o poeta fala da impossibilidade de aceitá-la por ser escrava e não por ser negra e ter cabelos crespos. Desse modo, o autor “entra com o pé na porta” daqueles que só enxergam a beleza quando branca, de cabelos longos e lisos. Trata-se, então, de uma surra de autoestima para a mulher negra de cabelos crespos quando lê:

[...]
As madeixas crespas, negras,
Sobre o seio lhe pendiam
Onde os castos pomos de ouro
Amorosos se escondiam
(Gama, 1904, p. 129-130 *apud* Damasceno, 2003).

Para as mulheres pretas e crespas que sofrem diuturnamente o racismo estético contra seus símbolos identitários africanos, o poema de Gama é um alento na luta contra todas as formas de violência às quais são impostas, principalmente quando se trata dos seus cabelos crespos. Em suma, de acordo com Damasceno (2003, p. 44), Gama colocou sua vida e sua inteligência a serviço da causa negra.

CONSIDERAÇÕES

As reflexões trazidas pelas autoras não só colocam as mulheres como fontes de inspiração e beleza, como também trazem à luz a possibilidade de elas não serem mais domesticadas pela cultura, sendo por ela própria apropriadas e performadas. Isso contribui também para o processo de autoidentificação e autovalorização das mulheres negras de cabelos crespos.

Portanto, este estudo reforça a importância de empreender novos estudos sobre a mulher negra de cabelos crespos, principalmente porque, embora muito



se tenha produzido, há ainda a necessidade de denunciar as intersecções das opressões às quais as mulheres negras estão submetidas. Assim, é preciso novos anúncios de resistências e possibilidades de transgressões. As autoras construíram um caminho; cabe a cada um, em sua consciência negra e africana, trilhá-lo, desbravando novos horizontes.

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, B. G. **Poesia negra no modernismo brasileiro**. Campinas: Pontes, 2003.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Negro sou**: a questão étnica-racial e o Brasil – ensaios, artigos e outros textos (1949-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2023.